

O DISCURSO CIENTÍFICO NA SÉRIE “POLÊMICA DA SEMANA”, DO CANAL *PORTA* *DOS FUNDOS*

EL DISCURSO CIENTÍFICO EN EL SERIE “POLÊMICA DA SEMANA”, DEL CANAL *PORTA*
DOS FUNDOS

THE SCIENTIFIC DISCOURSE IN THE SERIES “POLÊMICA DA SEMANA”, FROM THE *PORTA*
DOS FUNDOS CHANNEL

Antoniél Guimarães Tavares Silva*

Laurianne Guimarães Mendes**

Anísio Batista Pereira***

Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO: Este trabalho se destina à investigação do discurso científico na série “Polêmica da Semana” do canal *Porta dos Fundos*. Recortamos como material a transcrição de áudio dos vídeos “Vacina – Polêmica da Semana”, “Polêmica da Semana - Desconfinamento” e “Polêmica da Semana – Cloroquina”, disponíveis no *YouTube*, que se vertem em materialidades significativas. Ademais, mobiliza-se a fundamentação teórica da Análise do Discurso com enfoque na obra de Foucault para se pensar os conceitos de *enunciado*, *discurso* e *sujeito*. Logo, tem como objetivo geral analisar os enunciados tratados como seqüências discursivas, a fim de demonstrar no *corpus* quais as regularidades históricas do saber científico e médico, como os sujeitos se constituem nas relações de poder exercidas nos diálogos entre os personagens e de que modo os elementos de subjetivação obedecem a um mesmo sistema de resistências.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciado. Discurso. Sujeito.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo investigar el discurso científico en la serie “Polémica de la semana” del canal *Porta dos Fundos*. Recortamos como material la transcripción de audio de los videos “Vaccina – Polémica de la Semana”, “Polémica de la Semana - Desconfinamiento” y “Polémica de la Semana – Cloroquina”, disponibles en *YouTube*, que se traducen en materialidades significativas. Además, se moviliza la base teórica del Análisis del Discurso con un enfoque en la obra de Foucault para pensar los conceptos de enunciado, discurso y sujeto. Por tanto, su objetivo general es analizar los enunciados tratados como secuencias discursivas, para demostrar en el *corpus* cuáles son las regularidades históricas del saber científico y médico, cómo se

* Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É membro do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF-UFU/CNPq). E-mail: gui.antoniel@gmail.com

** Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: laurianneguime@gmail.com

*** Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É membro do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF-UFU/CNPq). E-mail: anisiopereira2008@hotmail.com.

constituyen los sujetos en las relaciones de poder ejercidas en los diálogos entre los personajes y de qué manera los elementos de subjetivación obedecen al mismo sistema de resistencias.

PALABRAS CLAVE: Enunciado. Discurso. Sujeto.

ABSTRACT: This work is intended to investigate the scientific discourse in the series “Polemic of the Week” of the *Porta dos Fundos* channel. We cut out as material the audio transcription of the videos “Vaccina – Polemic of the Week”, “Polemic of the Week - Deconfinement” and “Polemic of the Week – Chloroquine”, available on YouTube, which are translated into significant materialities. Furthermore, the theoretical foundation of Discourse Analysis is mobilized with a focus on Foucault's work to think about the concepts of utterance, discourse and subject. Therefore, its general objective is to analyze the utterances treated as discursive sequences, in order to demonstrate in the corpus what are the historical regularities of scientific and medical knowledge, how subjects are constituted in the power relations exercised in the dialogues between the characters and how the elements of subjectivation obey the same system of resistances.

KEYWORDS: Utterance. Speech. Subject.

1 INTRODUÇÃO

As modalidades de produção e circulação de informações se mostram gradativamente mais heteróclitas e multifacetadas no sentido de obedecer a uma demanda diversa das instituições midiáticas. O ano de 2021, no Brasil, demarca não somente a renovação dos meios de comunicação com a ascensão da *internet*, mas também acarreta um crescimento da relevância de determinados escopos semânticos na constituição de perspectivas subjetivas e, ao mesmo tempo, influentes na conduta de determinados indivíduos como, por exemplo, na emissão de opiniões ou posicionamentos próprios sobre determinados temas vinculados ao comportamento humano. Nesse contexto, as plataformas de compartilhamento de vídeos desempenham um papel basilar na composição dos veículos midiáticos, pois, cada vez mais, manifestam-se sobre um número significativo de usuários afetando, dessa forma, a transformação de certas percepções relacionadas à interpretação do fenômeno linguístico.

Dentre essas plataformas, temos a rede social *YouTube*. Seu cerne comunicativo é a publicização de vídeos elaborados por um usuário em um sistema de interação que inclui uma série de ferramentas como a inserção de comentários por parte de outros membros, avaliações de aprovação ou reprovação dos tópicos, assim como a apresentação das chamadas *thumbnails*, uma miniatura de imagem utilizada como previsão do vídeo. Postosto, os produtores de conteúdo são nomeados de *youtubers*, os quais se associam a um canal e recebem responsabilidade pelas postagens. Por esse ângulo, o *YouTube* registra o alcance do material apoiado no número de participantes inscritos, a quantidade de visualizações e o engajamento do vídeo fundado pela recorrência de curtidas positivas ou negativas. Quanto maior a manifestação desses elementos, maior o público atingido. Isso significa que um canal com um número expressivo de internautas impacta no desenvolvimento dessa rede de divulgação sobretudo na transformação histórica de instituições sociais como a mídia digital.

Nesse contexto, buscamos analisar as transcrições de áudio da série “Polêmica da Semana” do canal *Porta dos Fundos*, para identificarmos quais estratégias são aplicadas na elaboração das instâncias do humor especificamente sob os moldes do *YouTube* tomado como uma instituição social midiática. Os vídeos apresentam, mutualmente, a relação entre três personagens em um programa de auditório. Dois personagens debatem divergentemente sobre um mesmo tópico em particular e o terceiro interpreta um apresentador que medeia as falas. A saber, o canal possui, na atualidade deste trabalho, 17 milhões de inscritos e 6.711.702.780 visualizações de acordo com os dados disponibilizados pela plataforma. Isso implica na abrangência expressiva dos conteúdos na comunidade virtual. Até então, a produtora de vídeos *Porta dos Fundos* posta vídeos predominantemente de comédia e relacionados a diferentes temáticas como questões políticas, problemas sociais ou esquemas culturais. Esses tópicos giram em torno de críticas ou sátiras em tom irônico e subversivo. Recortamos a série “Polêmica da Semana”, composta por nove vídeos, por abordar, em comum, problemáticas científicas perpassadas por âmbitos que, historicamente, entrelaçam-se.

Por conseguinte, propomos investigar de que maneira essas circunstâncias constitutivas se estruturam frente à identificação de regularidades históricas na elaboração dos diálogos realizados pelos personagens, pois, à vista disso, elencamos os elementos

concernentes à constituição de sujeitos que se valem de táticas significativas para firmar relações de poder a partir do discurso científico. Não obstante, estabelecemos como objetivo geral analisar as condições sociais, históricas e culturais de emergência de discursividades com âmago na produção dos enunciados. Seguidamente, introduzimos a hipótese de que a formulação dos diálogos entre os personagens obedece a um mesmo domínio de produção, uma vez que reativam acontecimentos históricos coexistentes e interligados.

Posto isso, tencionando fundamentarmos teoricamente este estudo, localizamos o aparato metodológico no campo da Análise do Discurso, notadamente os adventos da obra de Michel Foucault. Para tanto, mobilizamos os textos *A arqueologia do saber* (2008), *A ordem do discurso* (1999), *Vigiar e punir* (2004) e *O sujeito e o poder* (1995). Assente nessas contribuições, propomos a elaboração de um procedimento de exploração inserido no campo da linguagem, especificamente a respeito da *arqueogenealogia do sujeito*, já que direcionamos a investigação para os imbricamentos entre o *saber* e o *poder* concernentes às estratégias de *subjetivação*. Outrossim, como discussão complementar, elencamos as reflexões de Fernandes (2012) em *Discurso e sujeito em Michel Foucault* para fomentarmos a articulação das noções e conceitos estipulados por essa área da linguagem.

Precisamente, realizamos a transcrição do áudio dos vídeos e os tratamos como material analítico. Também apresentamos duas capturas de tela de dois vídeos para investigar os diálogos históricos como ponto de partida para a operacionalização epistemológica. Para mais, construímos o *corpus* com respaldo na regularidade de recorrências enunciativas, melhor dizendo, recortamos determinados enunciados integrantes de uma mesma estratégia discursivo-política, visando sondarmos de que maneira os dizeres se entrecruzam coesos a semelhantes acontecimentos históricos. Ainda, chamamos esses enunciados de *sequências discursivas*, ou seja, examinamos as materialidades à medida que são atravessadas por elementos sociais, históricos e culturais procurando eleger as propriedades inerentes ao discurso político. Por conseguinte, consideramos suficiente empreender esse movimento de desenredar porque se torna viável a varredura das propriedades constitutivas de prováveis posições dos sujeitos levando em conta as contingências condicionadas pelo aparato metodológico.

Para mais, ordenamos este artigo em três etapas subsequentes. Antes de mais nada, reunimos as contribuições foucaultianas de *enunciado*, *discurso* e *sujeito* para pensarmos as delineações da *arqueogenealogia do sujeito*. Essa metodologia infere no exame das relações saber-poder fundamentadas pela instauração de discursos em dadas materialidades. Também, recorreremos às concepções de *formação discursiva*, *memória discursiva*, *princípio da disciplina* e *práticas de subjetivação* como aporte procedimental de execução das análises. Ressalvamos que a concepção de sujeito se torna basilar na exploração de enunciados, pois abarca o imbricamento entre o que se diz e o como se diz, isto é, pautado na observação das sequências discursivas, obtemos recursos para a percepção do processo de formulação do discurso científico.

Neste contexto, o escopo dos estudos da linguagem, especialmente os estudos foucaultianos, interessa-se em demonstrar nas materialidades significativas as condições sociais, históricas e científicas de emergência em condescendência à construção de dada verdade posta no seio social e reativada por memórias discursivas próprias. Ressalvamos que não objetivamos eleger uma verdade predominante ou hierarquicamente ordenada, mas, pelo contrário, intentamos em demonstrar, por meio do manejo dos enunciados, os fatores concernentes às propriedades heterogêneas e singulares de cada sequência discursiva que, no nível material, sofrem variações, contudo, no nível discursivo, acarretam regularidades condicionadas por âmbitos exteriores ao fenômeno linguístico.

2 ENUNCIADO, DISCURSO E SUJEITO

Para pensarmos a fundamentação teórica deste trabalho, precisamos apontar qual estatuto Foucault (2008) ocupa no campo dos estudos da linguagem. A primeira distinção necessária se dá pela premissa do chamado *sujeito histórico*. O texto *A arqueologia do saber* dispõe um ângulo de leitura e interpretação do enunciado unívoco. Por muitos anos, as premissas históricas perpassaram pela centralização do sujeito considerado em sua totalidade e fixação em correntes disciplinares como a Filosofia da Diferença, a Psicologia Social ou a História Tradicional. Se, de um lado, a História Tradicional tem como pressuposto o estudo do homem em suas diferentes abordagens centralizadas, por outro, a nomeada Nova História condiz com tratar esse homem em transformação

de sua atualidade histórica ou, em outras palavras, o homem vertido em sujeito se encontra em construção e constituição. Isso decorre do preâmbulo da *descontinuidade histórica*, de outro modo, as materialidades significativas produzidas por sujeitos revelam a singularidade de um acontecimento com dado desempenho não mais estrutural, mas funcional.

Por essa razão, investigar o enunciado para além de sua materialidade significativa no espectro do saber implica levar em conta a existência deste sujeito histórico defendido pela dinâmica da Nova História. O enunciado serve de subsídio para entendermos a manifestação de discursos específicos de cada atualidade histórica, uma vez que, olhar restritamente para a estrutura não se mostra mais suficiente, pois escapa dessas transformações temporais e subverte as influências da exterioridade linguística. A saber, ao nos referirmos à exterioridade, remetemos às condições de produção do enunciado em detrimento da visão empírica da materialidade. Disso, Foucault (2008) afirma que as relações de saber se instauram pelas aproximações entre enunciados baseadas no momento que fomentam discursos arrolados ao desígnio da regularidade de formulação da materialidade. Posto isso, identificamos as regularidades de ocorrência de um discurso com esteio na eleição de regras de formação próprias, as quais sinalizam a prevalência de um discurso em relação a outros. Esse movimento analítico se trata do conceito de formação discursiva que possui a seguinte aceção, a qual aplicamos:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2008, p. 43)

Doravante, adotamos nesta pesquisa essa prática de descrição dos enunciados sob essas quatro asserções. Em contrapartida, salientamos que o isolamento de objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas não são estritamente suficientes para o levantamento das regularidades, haja vista o aspecto funcional enunciativo. Portanto, o agrupamento de enunciados ocorrido adjunto a esse encontro de ordenações, correlações, posições e transformações averiguados pelo autor francês se delinea pela conjectura de formações discursivas que viabilizam a constituição de um sujeito não mais racional, mas ocupante de uma posição no discurso conforme obedece a domínios intrínsecos do seu lugar histórico. O sistema de dispersão, então, contempla essas variações pelas quais os sujeitos se situam no discurso, evadindo a ideia de um sujeito acabado e estanque. Teoricamente, por regularidade entendemos os pontos de ligação dessas formações discursivas inerentes a um esquema de coexistências de sujeitos.

Por outro lado, almeja-se designar as modalidades da configuração desses sistemas de dispersão entremeados pelas relações entre enunciados. Concordamos com a afirmação de Foucault (2008, p. 111) ao dizer que “Não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados [...]”. Depreendemos, em virtude dessa constatação, que evidenciar regularidades não se limita a elencar significados repetíveis em construtos diferentes, mas, pelo contrário, elencar as condições de possibilidade singulares a cada agrupamento de enunciados. Para culminar, a materialidade pode se repetir, no entanto, torna-se outra na medida que em as suas condições de possibilidade sofrem alterações.

Aqui, retomamos o sujeito histórico. Para que um enunciado se reatualize, faz-se preciso localizar esse sujeito no discurso porque cada formação discursiva prenuncia diferentes princípios de formulação. Vale ressaltar, utilizamos a noção de *memória discursiva* para nos referirmos a esse resgate de dado acontecimento histórico observável, uma vez que, no contexto da materialidade cômica, anuímos com a contribuição de Duarte (2006, p. 31-32) ao afirmar que o humor se trata de “[...] dizer o oposto ou simplesmente dizer algo sem realmente dizê-lo. É, ao contrário, manter a ambiguidade e demonstrar a impossibilidade de estabelecimento de um sentido claro e definitivo [...]”.

Partindo dessa pressuposição, entendemos que não somente a relação entre enunciados fomentam a composição de uma formação discursiva, mas também o imbricamento discursivo. As relações discursivas colocam em voga o que Foucault (1999) chamou de *ordem do discurso* em uma das transcrições de suas aulas no *Collège de France* publicada sob o título *A ordem do discurso*. Essa ordem implica no esquema de gerenciamento dos agrupamentos. Decorre da ideia de que tudo o que se diz se refere a um *já-dito*, ou melhor, não se diz nada de inédito, mas, sim, diz-se algo sobre outro algo, outra materialidade. Essa ordem, ainda, obedece a uma conjectura no processo de produção como disposto a seguir: “Suponho que em toda sociedade a produção do

discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1999, p. 8-9)

Em outras palavras, ao deprendermos a noção de *discurso*, referimo-nos a não aleatoriedade no processo de produção, sobretudo no escopo de elaboração. O enlace do dizer se apoia em um crivo de condições de possibilidade sempre em inferência com a história e com o sujeito em relação com outros sujeitos. Vale ressaltar, as relações de poder e dominação se restringem à construção de uma verdade, ou melhor, de um *efeito de verdade*. Segundo Foucault (1999), a verdade serve como um ponto de ancoragem para os agrupamentos, não no sentido de gerenciarem os ditos de maneira estanque, mas sim de se fundar por meio de estratégias adotadas pelos sujeitos a fim de conservar ou propagar essa verdade naquela engenharia tática. Ademais, um sujeito exerce o poder sobre outros sujeitos na medida em que se filia a um discurso eminente para inferir na conduta de outros sujeitos. Por fim, esse exercício de poder não se limita ao controle absoluto de um sujeito em relação a outro, mas possibilita também a conjuração de resistências. A fim de refletir sobre as linhas de poder e de resistência, recortamos o conceito de *prática discursiva* apresentada no texto *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*: “As *práticas discursivas* caracterizam-se pelo recorte de um campo de projetos, pela definição de uma perspectiva legítima para o sujeito de conhecimento, pela fixação de normas para a elaboração de conceitos e teorias. Cada uma delas supõe, então, um jogo de prescrições que determinam exclusões e escolhas” (FOUCAULT, 1997, p. 11, grifo do autor).

Justamente, entendemos que as transcrições dos áudios dos vídeos, tomados como enunciados, demonstram, por meio da ordem e organização dos dizeres, um domínio do cerne de criação humorística. Nesse sentido, tomamos os enunciados como enunciados dinamizados pela exterioridade, pois, concordamos com Bergson (1983, p. 37) ao afirmar que “[...] a repetição de uma expressão não é risível por si mesma. Ela só nos causa riso porque simboliza certo jogo especial de elementos morais, por sua vez símbolo de um jogo inteiramente material”. Assim, Foucault (1997) enfoca na determinação desse embate de exclusões e escolhas as quais consideramos instâncias e integrantes da regulação do dizer em conformidade com a emergência de determinados discursos. Nesse sentido, a instituição social efetiva a dinâmica de filtragem do que pode ou deve ser dito e isso tange, conseqüentemente, ao posicionamento do sujeito naquele escopo. Inclusive, se um sujeito ocupa determinada posição em dada formação discursiva, as práticas discursivas desenham a manifestação de um discurso, pois o sujeito se vale de um espaço legítimo de produção seja para controlar ou resistir.

Convergimos o olhar para a análise das relações de poder precisamente quando são discutidas por Foucault (2004) em *Vigiar e punir*. Na obra, o autor constata que os sujeitos exercem o poder sobre outros sujeitos segundo certos regimentos concernentes a uma instituição social. Para tanto, apresenta um estudo sobre os sistemas prisionais para mostrar como as técnicas disciplinares da vigilância e da punição funcionam no tocante ao corpo dos indivíduos. O corpo serve de matéria para a manifestação de discursos que vertem esses indivíduos em sujeitos históricos. À vista disso, o discurso subscreve o corpo e o concebe como materialidade significativa suscetível a partilhar normas comuns. Essas normas são chamadas de *disciplina*. A disciplina confere ao indivíduo um conjunto de normatizações capazes de situar o sujeito em uma singularidade social, histórica e científica, ou melhor, a disciplina se refere, alude Foucault (2004, p. 118), a “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade [...]”. Por outro lado, a operação da disciplina sobre os sujeitos não se enquadra exclusivamente ao estabelecimento de regras e a execução, mas também à possibilidade de resistência. Pensando em um *poder disciplinar*, acionamos a seguinte averiguação: “Como todos os tipos de poder, o poder disciplinar visa a conduzir a conduta dos sujeitos; intervém, ou procura intervir, em todas as ações do sujeito, seu alvo, não deixando escapar nem um gesto, nem um instante, antes mesmo de que a ação se realize, ou seja, no momento em que a virtualidade está se concretizando, tornando-se realidade” (FERNANDES, 2012, p. 62).

Assim dizendo, a conduta dos sujeitos é regrada por um poder disciplinar que afeta a consonância das práticas discursivas e, desse modo, maneja o que pode ou deve ser produzido. Isso posto, ao direcionarmos o enfoque para as relações de poder instauradas pelos sujeitos em um discurso, conduzimos a reflexão para a *genealogia do poder*. Esse procedimento metodológico confere ao analista a viabilidade de descrição das relações de poder com fulcro na varredura da aplicação das normas institucionais e das circunstâncias daquela atualidade. De início, o analista deve investigar quais as relações históricas entre os enunciados com

suporte na vigência de regularidades e, em seguida, deve eleger quais os elementos compõem um esquema disciplinar que constitui os indivíduos em sujeitos singulares. Por conseguinte, o procedimento metodológico da *arqueogenealogia do sujeito* possibilita demonstrar os âmbitos do saber e do poder na instauração de sujeitos. Para fomentarmos essa concepção de *sujeito*, recortamos a averiguação a seguir: “É a forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna *sujeito a*” (FOUCAULT, 2005, p. 235, grifo do autor).

Dessa maneira, tratar o indivíduo como um sujeito implica no exame das relações de poder, pois, por meio do enunciado, evidenciam-se regularidades das condições de possibilidade de emergência de um discurso no âmbito do poder disciplinar e no imbricamento saber-poder. Destarte, Foucault (2005) chama de processos de *subjetivação* o controle do sujeito acerca de suas próprias práticas visando se inscrever em dada relação de poder legítima na instituição social. Logo, as práticas discursivas são regidas por esses sistemas de controle e resistência concatenando os domínios do sujeito. Por fim, mediante a apresentação da fundamentação teórica acerca da *arqueogenealogia do sujeito*, julgamos exequível o esquadramento do *corpus* com a operacionalização das noções de *enunciado*, *discurso* e *sujeito*.

3 ANÁLISE DE “POLÊMICA DA SEMANA”, DO CANAL *PORTA DOS FUNDOS*

Selecionamos, como material de investigação, a transcrição de áudio de três vídeos compartilhados na rede digital *YouTube* pertencentes à série “Polêmica da Semana”, da produtora de vídeos *Porta dos Fundos*. Vale ressaltar que o exame de uma materialidade fílmica inclui a variedade de possibilidades de recorte por parte do analista, tais como, análise da trilha sonora, da atuação dos atores, da movimentação corporal, do posicionamento da câmera, da iluminação, dentre outras. Para este trabalho, delimitamos o registro verbal das falas dos personagens porque buscamos eleger as condições de possibilidade dos enunciados assentes na circulação de discursividades. Consequentemente, não implica na omissão de elementos significativos, mas, por outro lado, intenta-se montar uma arquitetura de probabilidades para que os sujeitos emergjam dessa conjectura enunciativa específica demonstrando de que maneira aquelas sequências discursivas foram emitidas de um modo e não de outro apoiadas na investigação da materialidade.

Prontamente, o critério para a escolha dos vídeos se fundamenta por esses se situarem em dois momentos históricos distintos, sendo o primeiro vídeo intitulado “Vacina – Polêmica da Semana”, postado em 3 de novembro de 2018, que se refere à temática da vacinação, contudo, elaborado antes da determinação da pandemia da COVID-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020. Os outros dois vídeos intitulados “Polêmica da Semana - Desconfinamento”, postado em 17 de agosto de 2020, e “Polêmica da Semana - Cloroquina”, postado em 7 de setembro de 2020, dirigem-se, diferentemente, a um momento histórico concernente a uma das medidas de prevenção à propagação do vírus adotadas no Brasil, o isolamento social, e a repercussão de pronunciamentos de autoridades parlamentares a respeito da suposta existência de medicamentos direcionados ao tratamento precoce da COVID-19, em contraponto ao desenvolvimento de vacinas como providência de contenção dos sintomas. Ressalvamos, além do mais, que propomos apresentar os recortes em diálogo com esses dois momentos históricos enquanto se articulam com os acontecimentos decorridos na atualidade de postagem dos vídeos, pois viabilizamos a transformação social, política e cultural dos enunciados.

Diante disso, o objetivo do estudo não se formaliza com fundamento na discriminação de uma verdade sobre os temas abordados, mas, pelo contrário, almejamos demonstrar como os efeitos de verdade são construídos nas transcrições na medida em que os elementos de discursividade se dinamizam. Posto isso, ao localizarmos esta pesquisa nos estudos linguísticos, inscrevemo-nos em um campo da linguagem legítimo para demonstrarmos a laboração do discurso científico, assim como o posicionamento dos sujeitos nesse contexto midiático, todavia, isento de qualquer parcialidade partidária sob responsabilidade dos autores. Isso implica na natureza dos estudos discursivos em defender não a verdade apresentada por um ou outro sujeito de maneira absolutista e hierárquica, mas sim, definir as circunstâncias próprias daquela contemporaneidade vigente.

Dessa forma, definimos o procedimento metodológico em três movimentos analíticos. Preliminarmente, apresentamos o recorte do material e, em seguida, demonstramos por meio da menção de ocorrências de verbetes ou sintagmas como as estratégias

discursivo-políticas se instalam. Em segundo lugar, dispomos um batimento entre as discussões realizadas na fundamentação teórica – as relações de *saber, poder e subjetivação* – e a descrição dos enunciados, acontecimentos históricos e formações discursivas. Por último, pontualmente, delineamos as condições de possibilidade de emergência do discurso científico e dos sujeitos. Para tanto, seguem as sequências discursivas ordenadas por data de postagem de acordo com os critérios apresentados anteriormente, sendo *SD 01* os recortes de “Vacina – Polêmica da Semana”, *SD 02* de “Polêmica da Semana - Desconfinamento” e *SD 03* de “Polêmica da Semana - Cloroquina”:

SD 01:

Cléber: [...] A gente começa conversando com ela que é médica pós-doutora em epidemiologia pela USP e professora da UFRJ. Dra. Simone Gomes. E a Dra. Simone é a favor da vacina. Não é isso, doutora, boa noite.

Simone: Olá, boa noite. Eu não sabia que esse assunto era polêmico, e, sim, eu sou muito a favor. [...] Somente a vacina do sarampo já salvou mais de 17 milhões de vidas. Eu confesso que não entendo o porquê da temática “vacina” ser abordada como uma polêmica, porque nós da comunidade científica...

Cléber: Tempo encerrado. Obrigado, doutora. Mas nem todo mundo pensa como a dra. Simone Gomes, não é? Vamos conversar agora com o outro lado, e o outro lado é Carlinhos da Silva Rocha. Ele é *gamer*, empreendedor, produz cerveja artesanal e é contra a vacina. [...]

Carlinhos: Aqui, olha. Nunca vi. Sabe o que salva gente, aproveitando a oportunidade? É óleo de coco e barra de gengibre, entendeu? Mas isso a televisão não fala. Por quê? Porque vai destruir a indústria dos remédios. [...] Meu filho acabou de tomar uma vacina. A criança chorando a semana inteira. É dor e febre. Vale a pena um troço desse? Repito e digo para senhora. Vale a pena? Fora que, muita gente usando a vacina para se drogar. É o tempo inteiro. É vagabundo se drogando, saindo, assaltando a gente... A gente que sai às vezes de um salão, fazendo “hidratamento” de queratina para manter os cachos com alegria. [...] Sou contra a Rede Globo, que de repente está me vendo agora. [...]

Simone: Primeiro, você... você confunde injeção com vacina. Pelo amor de Deus, gente, não existe vacina nenhuma, com droga nenhuma, por favor. O que existe é uma agulha, que as pessoas colocam a droga no final... [...]

Cléber: [...] É um tema bastante polêmico que tem dividido o povo brasileiro. [...]

SD 02:

Suzana: Boa ou má, ainda não sabemos, né. A maior parte dos estudos indica que a cloroquina não tem qualquer eficiência, e sem acompanhamento médico pode matar, sim.

Cléber: Obrigado. Nós ouvimos agora a dra. Suzana Cohen que é médica infectologista com doutorado em Oxford e professora da UFRJ. Ela veio falar sobre o uso médico da cloroquina. Mas o que seria do verde se todos gostassem do amarelo, não é verdade? Então, vamos dar espaço também para Claudiney Borelli, ele que é dono de canil e *coach* cristão e é favorável à aprovação da cloroquina, não é isso, Claudiney?

Claudiney: [...] Eu já salvei mais de sete vira-latas, na base da cloroquina. E eu mesmo tomo cloroquina direto, tá? Se cloroquina matasse, eu já tinha que estar morto e enterrado a sete palmos do chão, porque eu tomo cloroquina todo dia, eu brinco aqui direto, eu falo: [...] E não só não morri, como estou ganhando massa magra, estou ficando mais forte, estou com mais saúde, tudo graças à dona cloroquina.

Suzana: Desculpa, dá licença. Desculpa, mas eu não posso mesmo ouvir isso calada. Já teve gente que morreu disso. O espectador não pode sair tomando remédio assim. [...]

Cléber: Dra. Suzana, a sua réplica.

Suzana: Não façam isso! Por favor! Dependendo da quantidade, pode matar, é um remédio.

Claudiney: [...] Eu nunca vi nenhum global, nenhum doutor em Oxford, ir para a porta do sr. PCC para pedir fim do PCC, fim da maconha. [...]

Cléber: Temos um impasse aqui no programa. [...] Eu acho que o que nós podemos concluir é que tudo tem dois lados, sempre. [...]

SD 03:

Jorge: A reabertura de comércios ou serviços não essenciais pode ser devastadora para salvar vidas tanto quanto para salvar a economia, que precisa de vidas para continuar.

Cléber: Obrigado, Jorge, Dr. Epidemiologista e Sanitarista. Agora vamos ouvir o outro lado. No outro lado, é Enzo Luccetti. Ele, que é estudante de Administração de empresas, é dono de uma boate lá no Città América e ele é a favor de que a gente produza aglomerações. Não é isso, Enzo? Quais são os seus argumentos?

Enzo: [...] Acho que até eu mesmo já peguei esse bagulho. “Ai, é chato?”. É chato, *brother*. É chatinho. Negocinho que fica sufocando, mas, meu irmão, o que que não é chato? Tá ligado? Herpes é chato, por exemplo. A gente vai o que? Sufocar a economia por causa de herpes? Não vai, né, meu irmão. Então é o seguinte, meu irmão. Bola para frente. Eu acho que o vírus também chegou, pegou uma galera aí. O resto estava dentro de casa. Foda-se. [...]

Cléber: Obrigado, Jorge?

Jorge: Eu acho que todos os países que reabriram o comércio estão sofrendo com a segunda onda de contaminação. Esse é um bom ponto... [...]

Cléber: Enzo, você não tem medo de uma segunda onda?

Enzo: [...] Agora a gente tem ministro da educação, ministro da mulher. Ministério feminino, sacou? [...]

Jorge: Eu não sei o que dizer. Não são nem argumentos, na verdade. [...]

Para começar, analisemos as regularidades históricas identificadas nos enunciados. Os três esquetes se compõem por episódios de curta duração com média de três minutos cada e possuem um caráter cômico e satírico. O enredo apresenta um programa de auditório televisionado chamado “Polêmica da Semana” em que o apresentador Cléber Santiago medeia um debate realizado por dois participantes sobre um determinado tema atual e relevante. Tem como proposta disponibilizar um espaço para cada convidado emitir opiniões diferentes sobre um mesmo tópico em questão. A sequência de acontecimentos se repete nos três vídeos. Um debatedor apresenta a sua visão acerca do assunto, o mediador conduz a fala ao outro debatedor e, em seguida, ocorre uma contraposição de ideias. Essa regularidade na ordem do diálogo nos permite assegurar quais estratégias são adotadas pelos roteiristas para produzir o espectro irônico do programa. Logo, identificamos o atravessamento histórico de um padrão estipulado no funcionamento de um debate em programas de auditório diversos. Para demonstrarmos essa similaridade e referência exterior da esquete e a ativação de uma memória discursiva própria, apresentamos a seguir duas capturas de tela recortadas, sendo o primeiro do vídeo “The Third Presidential Debate: Hillary Clinton And Donald Trump (Full Debate) | NBC News”, e o segundo de “Vacina – Polêmica da Semana”:

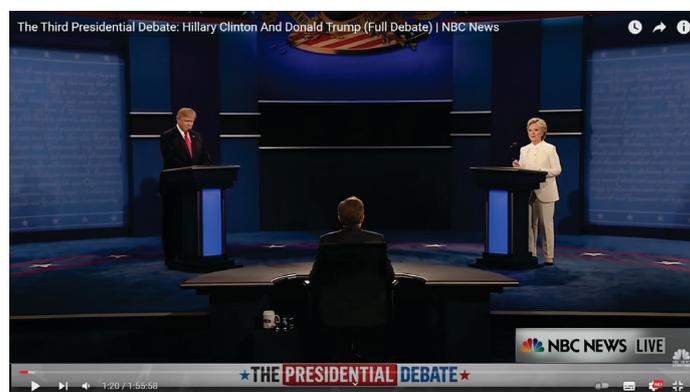


Figura 1: The Third Presidential Debate: Hillary Clinton And Donald Trump (Full Debate) | NBC News.

Fonte: Youtube



Figura 2: Vacina – Polêmica da Semana

Fonte: Youtube

Tanto na *Figura 1* quanto na *Figura 2* notamos semelhanças na localização espacial das pessoas, na escolha do palanque e dos móveis, na seleção do papel de parede, nas cores frias e escuras, no posicionamento da câmera e também nas regras estabelecidas para os debates. Isso implica no resgate de um acontecimento descontínuo do debate político ocorrido no dia 19 de outubro de 2016 entre os candidatos à presidência da República dos Estados Unidos Hillary Clinton e Donald Trump. Logo, identificamos o ponto de partida da elaboração do enredo de “Polêmica da Semana” com base na construção de uma paródia do cenário político norte americano. Dessa forma, constatamos que os vídeos dialogam historicamente, especialmente a respeito de um formato de programa já estipulado, todavia, recriado e deslocado do contexto eleitoral para o contexto científico-cômico. Tomamos esse paradigma como a matriz exterior de formulação da série, no entanto, enfocamos na recorrência dos enunciados para a análise de estratégias discursivas do sujeito roteirista.

Regularmente, Cléber Santiago, no início do programa, apresenta uma breve descrição de cada comentarista, sendo um deles um especialista no assunto com certificação profissional. Em *SD 01*, para opinar sobre vacina, o apresentador diz “A gente começa conversando com ela que é médica pós-doutora em epidemiologia pela USP e professora da UFRJ. Dra. Simone Gomes”, em *SD 02*, a fim de opinar sobre o uso da cloroquina, o mediador afirma “Suzana Cohen que é médica infectologista com doutorado em Oxford e professora da UFRJ”, e em *SD 03*, com o tema desconfinamento, o moderador anuncia “Obrigado, Jorge, Dr. Epidemiologista e Sanitarista”. Do outro lado da bancada, respectivamente, Cléber Santiago introduz uma breve biografia dos debatedores, em *SD 01*, “[...] Carlinhos da Silva Rocha. Ele é *gamer*, empreendedor, produz cerveja artesanal e é contra a vacina”, em *SD 02*, “[...] Claudiney Borelli, ele que é dono de canil e *coach* cristão e é favorável à aprovação da cloroquina, não é isso, Claudiney?”, e em *SD 03*, “[...] Enzo Luccetti. Ele, que é estudante de Administração de empresas, é dono de uma boate lá no Città América e ele é a favor de que a gente produza aglomerações”. A descrição dos personagens revela o interesse do sujeito roteirista em evidenciar a relação entre aquele sujeito que diz e a posição mais ou menos legítima em uma formação discursiva científica ao mencionar a profissão, de um lado, em associação à formação acadêmica e, de outro, em congruência com a temática em questão. Não visamos delinear o diálogo entre o debate presencial e as sátiras, mas mostrar que o discurso científico institui duas posições de sujeitos perpassadas por esse engendramento político.

Por consequência, esse certame de descontinuidades históricas demonstra a existência de uma exterioridade enunciativa a partir do momento em que se faz questionar por que ocorre uma regularidade nas formações discursivas dos três vídeos de modo a preservar um contraste entre as posições dos sujeitos debatedores no discurso científico. Previamente, a materialização deste distancia o posicionamento dos comentaristas em cada vídeo, visto que, a possibilidade de o espectador visualizar um pressuposto de disparidade do saber entre as opiniões constrói uma instância irônica e subversiva que se pauta no resgate de uma memória discursiva da estimativa de debates políticos que cada candidato possui autoridade institucionalizada no âmbito governamental de maneira equilibrada para a função.

Nesse contexto, o apresentador confirma esse advento humorístico ao explicar quais as normas de formalidade do programa, como em *SD 01*, “Mas nem todo mundo pensa como a Dra. Simone Gomes, não é? Vamos conversar agora com o outro lado [...]”, em *SD 02*, “Mas o que seria do verde se todos gostassem do amarelo, não é verdade? Então, vamos dar espaço também para

Claudiney Borelli [...], e em *SD 03*, “Agora vamos ouvir o outro lado”. Observamos aqui o estabelecimento de um acontecimento histórico regular resgatado pela atualidade do saber político em fomentar a probabilidade de os temas vacinação, uso de cloroquina e isolamento social serem passíveis de avaliações científicas ou não científicas. Ainda, ao pensarmos sobre as ocorrências presentes nos enunciados, constatamos que o sujeito roteirista articula a legitimidade do saber científico em duas posições antagônicas dos sujeitos. Se de um lado temos um sujeito inscrito em uma formação discursiva científica, do outro, temos um sujeito inscrito em uma formação discursiva não científica, ou seja, o humor se instala no deslocamento dessas duas posições do sujeito por intermédio da ativação de uma memória discursiva eleitoral entremeada pela premissa de que os debatedores devem ocupar uma mesma formação discursiva partidária para balancear as opiniões. Isso implica refletirmos sobre a relação entre essa estratégia midiática de subversão das condições de produção validadas pela ciência no programa.

Avante, retomemos ao levantamento das regularidades históricas dos agrupamentos dos enunciados nesta atualidade considerando a construção de uma verdade. Simone, Suzana e Jorge, respectivamente, emitem suas opiniões em *SD 01*, “Eu não sabia que esse assunto era polêmico, e, sim, eu sou muito a favor. [...] Eu confesso que não entendo o porquê de a temática ‘vacina’ ser abordada como uma polêmica, porque nós da comunidade científica...”, em *SD 02*, “Boa ou má, ainda não sabemos. A maior parte dos estudos indica que a cloroquina não tem qualquer eficiência, e sem acompanhamento médico pode matar, sim”, e em *SD 03*, “A reabertura de comércios ou serviços não essenciais pode ser devastadora para salvar vidas tanto quanto para salvar a economia, que precisa de vidas para continuar”. Exatamente, visualizamos a invariabilidade de os três personagens se posicionarem no discurso científico quando discordam de o tema ser polêmico, mencionam estudos ou fazem avaliações de causa e consequência, condutas essas relativas a práticas científicas. Constrói-se, ademais, uma verdade sobre os temas. Essa verdade condiz de mostrar a perspectiva autorizada por um conhecimento institucionalizado sobretudo a menção da filiação dos personagens a alguma instituição de ensino como a Universidade de São Paulo ou a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em contrapartida, essa verdade científica sofre transformações quando os personagens Carlinhos, Claudiney e Enzo produzem as suas réplicas. O sujeito Simone diz “Somente a vacina do sarampo já salvou mais de 17 milhões de vida” e Carlinhos responde “Sabe o que salva gente, aproveitando a oportunidade? É óleo de coco e barra de gengibre, entendeu? Mas isso a televisão não fala. Por quê? Porque vai destruir a indústria dos remédios”. Aqui o verbo “salvar” se desloca de uma formação discursiva científica da história da eficiência da vacina contra o sarampo em uma dicotomia de viver ou morrer para uma formação discursiva não científica, pois o sujeito Carlinhos tangencia o tema e converte o contexto da vacinação para o uso dos produtos de cabelo óleo de coco e barra de gengibre, como confirmado em “A gente que sai às vezes de um salão, fazendo ‘hidratamento’ de queratina para manter os cachos com alegria”. Em seguida, associa a vacina às drogas e a assaltos em “Fora que, muita gente usando a vacina para se drogar. É o tempo inteiro. É vagabundo se drogando, saindo, assaltando a gente...”. Averiguamos uma estratégia discursiva de Carlinhos ao desqualificar a verdade científica para dispersar o tema e ressignificar a ação de salvar sob circunstâncias diversas como o uso de drogas ou criminalidade.

Discriminamos regularidade dessa estratégia discursiva em *SD 02*. No momento em que o sujeito Suzana afirma “A maior parte dos estudos indica que a cloroquina não tem qualquer eficiência, e sem acompanhamento médico pode matar, sim”, o sujeito Claudiney replica “Eu já salvei mais de sete vira-latas, na base da cloroquina. E eu mesmo tomo cloroquina direto, tá? Se cloroquina matasse, eu já tinha que estar morto e enterrado a sete palmos do chão, porque eu tomo cloroquina todo dia [...]”. Se de um lado o sujeito Suzana associa o uso da cloroquina sem acompanhamento médico à morte concernente ao combate dos sintomas da COVID-19, por outro, o sujeito Claudiney desloca o sentido da palavra “matar” da formação discursiva científica para uma formação discursiva não científica ao tangenciar o tema para a aplicação do medicamento em animais e, em seguida, equiparar a cloroquina com vitamina como confirmado em “Mãe, vou fazer minha vitamina”. A vitamina substitui a cloroquina nos sintagmas alicerçada semanticamente quando o sujeito Claudiney associa o remédio à alimentação em “Minha vitamina é cloroquina com ovo, que eu uso a casca do ovo cru, e frango, o frango, a melhor proteína que tem é o frango”. Ponderamos aqui, em contraste, que o verbete “cloroquina” sofre uma transformação no significado quando se movimenta de uma formação discursiva científica para uma formação discursiva sobre alimentação saudável.

Novamente, de maneira regular à *SD 01* e à *SD 02*, o sujeito Enzo também se inscreve em formação discursiva distinta do sujeito Jorge. Este, ao pronunciar “A reabertura de comércios ou serviços não essenciais pode ser devastadora para salvar vidas tanto

quanto para salvar a economia, que precisa de vidas para continuar”, tem como resposta do sujeito Enzo a sequência “Negocinho que fica sufocando, mas, meu irmão, o que que não é chato? Tá ligado? Herpes é chato, por exemplo. A gente vai fazer o que? Sufocar a economia por causa de herpes? Não vai, né, meu irmão”. Vemos como estratégia discursiva a associação entre a COVID-19 e a herpes. A equivalência desses dois vírus evidencia o manejo de conhecimento do sujeito Enzo sobre a COVID-19. No entanto, vale-se de duas realidades sanitárias distintas, pois a COVID-19 possui historicamente um impacto mais significativo na economia em comparação com a herpes. Até então, usa como tática enunciativa uma ruptura do saber médico, haja vista, as constatações sobre a COVID-19 e herpes não serem equiparáveis concernente à proporção do impacto na economia.

Logo, coerente à análise das estratégias discursivas adotadas pelos sujeitos para produzir as suas declarações, constatamos que as condições de possibilidade para a emergência do discurso científico se respaldam na reatualização das proposições produzidas pelos cientistas por meio do deslocamento de palavras e expressões de uma formação discursiva científica para uma formação discursiva não científica. Mais adiante, ao pensarmos sobre as práticas dos sujeitos, verificamos a construção de uma verdade e uma contraverdade. Se de um lado, temos uma verdade apoiada em procedimentos científicos, por outro, temos efeitos de verdade suscetíveis a desqualificar o conhecimento institucionalizado. Os enunciados obedecem a uma regularidade arrolada pela ativação de uma memória discursiva provinda de um arsenal de discontinuidades históricas, tais como, a ressignificação discursiva dos debates presenciais estadunidenses e, conseqüentemente, a movimentação das posições dos sujeitos autorizadas pelas normas estabelecidas pelo sujeito mediador. Entendemos que esse jogo de verdade e contraverdade presente na série se enquadra nas condições de possibilidade do discurso político instaurado nas eleições norte-americanas e, em suma, o humor se origina dessa possível disparidade de saber científico entre os candidatos que se deslocam para o contexto satírico dos vídeos de “Polêmica da Semana”.

Por conseguinte, apontemos como o poder se exerce nas relações entre os sujeitos. Prontamente, o sujeito mediador, regularmente, aborda a pluralidade de concepções sobre os temas como duas posições na bancada equivalentes e legítimas, pois dispõe os espaços de fala regidos por normas disciplinares semelhantes. Posto isto, visualizamos um sistema de controle disciplinar por parte das regras firmadas pelo sujeito Cléber Santiado: em *SD 01*, “E a Dra. Simone é a favor da vacina”, “[...] e o outro lado é Carlinhos da Silva Rocha [que] é contra a vacina” e “Tempo encerrado”, “Réplica” e “Tréplica”; em *SD 02*, “[...] e é favorável à aprovação da cloroquina, não é isso, Claudiney?”, “Dra. Suzana, a sua réplica”, “Temos um impasse aqui no programa”, “Eu acho que nós podemos concluir é que tudo tem dois lados, sempre”; e em *SD 03*, “Agora vamos ouvir o outro lado”, “Quais são os seus argumentos?”, “Jorge, você não vai rebater os argumentos?”. Vislumbramos nessas ocorrências a apresentação das normas para a realização do debate semelhantes ao fixado no debate presidencial entre Hillary Clinton e Donald Trump em 2016. Os dois personagens possuem lugares de fala em conformidade com as regras do programa. Em outros termos, as práticas discursivas dos sujeitos se conduzem pela intervenção do apresentador de modo a assegurar a razoabilidade das opiniões como acontece nos debates televisionados de disputa eleitoral.

Acrescentando, notamos como princípio disciplinar uma dicotomia entre favorável e não favorável à vacina, ao uso da cloroquina e o distanciamento social. Dada a descrição dessas regularidades por parte da postura do sujeito mediador, depreendemos a probabilidade de um ou outro personagem montar os seus argumentos alicerçados por memórias discursivas específicas como em *SD 01*, “[...] porque nós da comunidade científica...”, em *SD 02*, “Boa ou má, ainda não sabemos”, e em *SD 03*, “Eu não sei o que dizer. Não são nem argumentos, na verdade”. Ou seja, o uso do pronome “nós” para falar em nome da comunidade científica, a conjugação do verbo “sabemos” para evidenciar um consenso entre os cientistas ou a invalidação de argumentos não científicos na relação entre “[...] todos os países que reabriram o comércio estão sofrendo com a segunda onda de contaminação” e “Não são nem argumentos” apontam para a demarcação de um recorte do saber médico, já que os personagens são identificados anteriormente como médica epidemiologista, médica infectologista e médico epidemiologista e sanitarista. Então, o corpo dos indivíduos se constitui em sujeito baseado na posição que ocupam no discurso científico autenticado por instituições sociais acadêmicas integrantes do saber da Medicina.

Não obstante, os argumentos apresentados pelos demais debatedores nas esquetes reativam memórias discursivas distintas e integrantes de um jogo de resistência e poder recorrente em concorrências eleitorais. Se, por um lado, os sujeitos cientistas se inserem em constatações provindas de estudos institucionalizados, por outro, os demais sujeitos se filiam a suas averiguações

peçoais em contraponto a uma descrição não científica. Vimos isso em *SD 01*, “Meu filho acabou de tomar uma vacina. A criança chorando a semana inteira. É dor e febre. Vale a pena um troço desse?”, em *SD 02*, “Eu não só não morri, como estou ganhando massa magra, estou ficando mais forte, estou com mais saúde, tudo graças à dona cloroquina”, e em *SD 03*, “Acho que até eu mesmo já peguei esse bagulho”. O controle institucional do programa divide as duas posições dos sujeitos no discurso científico pautado nas regras da atração e, além disso, equipara os comentários em uma mesma formação discursiva, no entanto, com o resgate de memórias históricas distintas tais como em “Sou contra a Rede Globo, que de repente está me vendo agora”, “Eu nunca vi ator global, nenhum doutor em Oxford, ir para a porta do sr. PCC para pedir fim do PCC, fim da maconha” e “Agora a gente tem ministro da educação, ministro da mulher. Ministério feminino, sacou?”. Isso implica em utilizar como estratégia discursivo-política a menção a outros elementos tangentes ao tema, tais como a contrariedade com a Rede Globo, as ações do PCC ou a referência aos ministérios.

Dessarte, observemos o funcionamento do poder disciplinar no *corpus*. Em *SD 01*, quando o sujeito Carlinhos diz “Fora que, muita gente usando a vacina para se drogar”, o sujeito Simone responde com “Primeiro, você... você confunde injeção com vacina. Pelo amor de Deus, gente, não existe vacina nenhuma com droga nenhuma, por favor”. Quando o sujeito Claudiney afirma “Se cloroquina matasse, eu já tinha que estar morto e enterrado a sete palmos do chão, porque eu tomo cloroquina todo dia [...]”, o sujeito Suzana rebate com “Desculpa, mas não posso ouvir isso calada. Já teve gente que morreu disso. O espectador não pode sair tomando vacina assim”. Por último, depois que o sujeito Enzo enuncia “Eu acho que o vírus também chegou, pegou uma galera aí. O resto estava dentro de casa. Foda-se”, o sujeito Jorge ressalva que “[...] todos os países que reabriram o comércio estão sofrendo com a segunda onda de contaminação”. Os sujeitos Simone, Suzana e Jorge, em seus enunciados, utilizam palavras que sinalizam uma resistência aos dizeres dos debatedores com o uso de expressões como “você confunde” em relação a “muita gente usando”, “o espectador não pode” em relação a “eu tomo cloroquina todo dia” e “estão sofrendo com a segunda onda” em relação a “Foda-se”. Em suma, as estratégias utilizadas pelos sujeitos revelam um jogo de resistência e poder sobretudo culminado por contradições e movimentações dos efeitos de verdade sobre os objetos vacina, cloroquina e isolamento. Isto é, o efeito de verdade do sujeito cientista se difere do efeito de verdade do sujeito não cientista por condizerem a localizações díspares no saber da medicina em detrimento do saber externo do mote científico.

Por último, verifiquemos de que maneira os sujeitos se constituem fundamentados por elementos de subjetivação. Demonstramos a relação entre três posições subjetivas: um sujeito cientista, um sujeito não cientista e um sujeito apresentador normatizador. O sujeito cientista se torna *sujeito a* conforme se constitui, pela análise das regularidades enunciativas, em uma posição anônima e, ao mesmo tempo, crivado por formações discursivas institucionais como a universidade que gerencia o dizer amparado por resgates de memórias discursivas legitimadas pelo saber científico. Já o sujeito não cientista se distancia desse posicionamento mencionado ao contrapor os argumentos iniciais com a reativação de memórias discursivas alternativas ao tópico em voga em cada episódio. Por fim, o sujeito apresentador se instaura como aquele que baliza ambos os posicionamentos dos sujeitos debatedores concatenados com um sistema de controle do que pode ou deve ser dito. Além disso, esse sujeito mediador equipara a relevância e pertinência das duas opiniões em relação às probabilidades de congruência das análises como nos trechos “É um tema bastante polêmico que tem dividido o povo brasileiro”, “Eu acho que o que podemos concluir é que tudo tem dois lados, sempre” e “Jorge, você não vai rebater esse argumento?”.

Notadamente, as três posições dos sujeitos denotam relações de poder consolidadas por estratégias discursivo-científicas suscetíveis a delimitar as práticas discursivas aceitas ou não no programa. O discurso científico, portanto, constitui-se pelo deslocamento do discurso político presente historicamente no debate presidencial dos candidatos Hillary Clinton e Donald Trump, para formações discursivas ressignificadas na série de humor. Logo, cada sujeito mobiliza um conjunto de táticas técnicas para demarcar o seu lugar de emergência e a autenticidade na produção do dizer. O humor se firma, por conseguinte, na reatualização das formações discursivas políticas de modo a tornar irônico e subversivo o contraste entre a inscrição no saber científico de cada participante. Para tanto, o sujeito roteirista sustenta o espectro humorístico pela ênfase da disparidade entre as posições de cada sujeito debatedor no discurso científico.

4 CONCLUSÃO

Aventamos na introdução deste trabalho a hipótese de que a formulação dos diálogos realizados entre os personagens da série “Polêmica da Semana”, da produtora de vídeos *Porta dos Fundos*, obedece a um mesmo domínio de produção do discurso científico, pois decorre de atravessamentos discursivos correlacionados em cada enunciado. Precisamente, almejamos analisar as condições sociais, culturais e históricas de emergência do discurso científico materializado nas sequências discursivas. Para tanto, recortamos duas capturas de tela e a transcrição de áudio de três vídeos para atestar essas regularidades enunciativas. Dessa forma, reunimos algumas considerações a respeito da análise do *corpus*.

Observamos, pela análise das capturas de tela, semelhanças imagéticas capazes de sugerir que a série “Polêmica da Semana” se trata de uma sátira de um debate ocorrido entre os candidatos Hillary Clinton e Donald Trump na disputa pela presidência dos Estados Unidos no ano de 2016. Também identificamos nas transcrições de áudio um conjunto de regularidades históricas concernentes à presença de uma formação discursiva científica em detrimento a uma formação discursiva não científica inferidas no saber institucionalizado acadêmico. Notamos a existência de uma estrutura similar na organização dos enunciados. Inicialmente, os personagens são apresentados e descritos em locais distintos do saber da medicina. De um lado, situa-se uma posição do sujeito detentor de um conhecimento validado pela instituição acadêmica e, do outro, uma posição do sujeito tangente a esse saber. Constatamos, assim, que a estratégia discursiva utilizada pelo sujeito roteirista se consolida pela disparidade das posições do sujeito no discurso científico mediante o resgate de uma memória discursiva legitimadora das condutas. O humor, portanto, rege-se pelo apelo ao contraste hiperbólico dessas posições de sujeitos nos três enunciados.

Em segundo lugar, demonstramos por meio de análise das sequências discursivas que as estratégias utilizadas pelos sujeitos debatedores na série se conferem pelo deslocamento de significados de palavras ou expressões no discurso científico. Ulterior, uma tática regular se dá pela ressignificação de conceitos em um construto de verdade e contraverdade, em que as memórias discursivas resgatadas sinalizam a necessidade de o espectador reconhecer o diálogo entre a materialidade significativa e os acontecimentos históricos provindos da exterioridade enunciativa, o debate ocorrido em 2016 em solo norte-americano. Destarte, constatamos que o saber científico ordena e organiza os acontecimentos históricos em uma rede descontínua de emergência a partir do momento em que os enunciados se agrupam em uma mesma formação discursiva científica ou não científica.

Por último, verificamos também como estratégia discursivo-científica uma arquitetura de afirmações de resistência durante os diálogos. Os sujeitos debatedores desenvolveram uma progressão enunciativa nas esquetes, antes, com a afirmação do sujeito cientista, a mediação do sujeito apresentador e a reatualização da materialidade do sujeito não cientista. Constatamos a construção de uma verdade fixada nas relações de poder instaladas pelos personagens com a intervenção nas práticas discursivas realizadas pelo sujeito apresentador. Ademais, o saber da medicina autorizou a divisão dos indivíduos em sujeitos antagonistas com cerne na construção de uma verdade e uma contraverdade. Os argumentos, enfim, filiaram-se a uma série de elementos de subjetivação fomentados pelo interesse de cada sujeito em defender a sua própria verdade com ou sem aceitação do sujeito apresentador consoante às normas determinadas no início do programa.

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DUARTE, L. P. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2006.

FERNANDES, C. A. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Entremeios, 2012.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999. p. 2-79.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, M. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.



Recebido em 03/03/2022. Aceito em 27/04/2022.